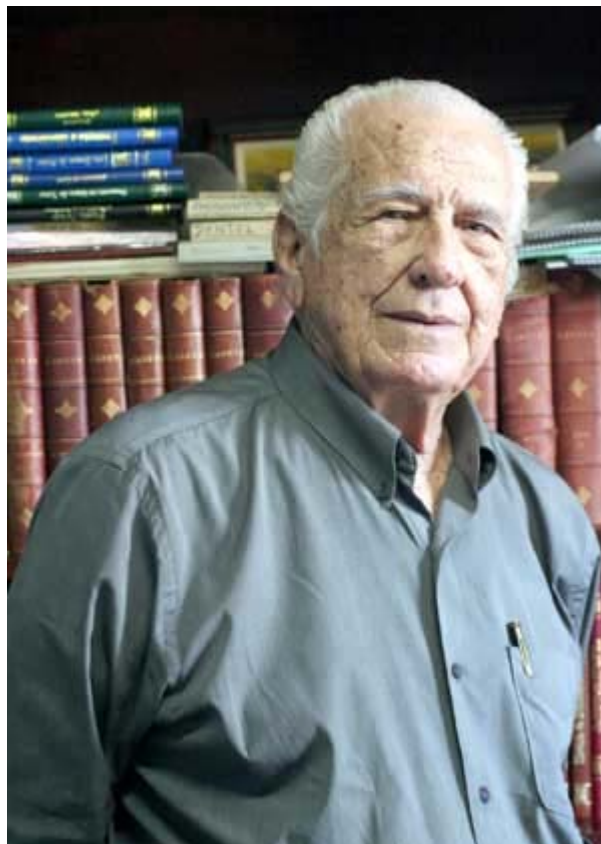


## Três dramas urbanos

*Entre as obras recomendadas para os estudantes que vão prestar Vestibular no fim deste semestre, estão incluídas peças do dramaturgo cearense Manuel Eduardo Pinheiro Campos. Nesta edição, analisam-se as seguintes obras: A Rosa do Lagamar; A Donzela Desprezada; e O Morro do Ouro. Há, também, uma crítica sobre o labor dramatúrgico e definições do gênero teatro.*

Manuel Eduardo Pinheiro Campos nasceu em 1923, em Guaiúba, então distrito de Pacatuba. Estreou em 1943, com o livro de contos Águas Mortas. Uma curiosidade da sua biografia é que o romance A Véspera do Dilúvio parece ser o único que fala da fatura d'água no Ceará. Durante dez anos dirigiu a Academia Cearense de Letras; foi secretário de Cultura do Estado, presidente do Conselho Estadual de Cultura. É Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará. É bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Fez parte do Grupo CLÃ, desde os primeiros momentos, tanto como redator quanto criador. Escreveu inúmeros artigos sobre teatro, como, por exemplo, 'Desolação' (Revista no. 2); 'O regional como tema' (revista no. 3); 'Teatro Infantil' (revista no. 4); 'A margem de um movimento' (revista no. 5), dentro muitos outros.



Criticando os males da alta sociedade em peças como: 'A Rosa do Lagamar' e 'O Morro do Ouro', Eduardo Campos se firma como teatrólogo e artista de olhar social crítico e denunciador das mazelas e vícios do mundo a sua volta.

Seu teatro, de manifestação claramente realista, possibilitou, também, o ingresso do modernismo na encenação cearense a partir da montagem de sua peça, 'O Demônio e a Rosa' em 1950 pelo Teatro Universitário do Ceará. Essa possibilidade nasceu devido a uma escrita dramática rica em vida, da construção de personagens que parecem criados com carne, veias, músculos, sentimentos e de algumas transformações teatrais técnicas ocorridas principalmente nas propostas de encenação.

Artifícios antes utilizados largamente no teatro, foram banidos, conscientemente, como os cenários pintados em papel de cimento, o ponto, o início dos efeitos de luz e o começo da verdadeira interpretação e não só mais a representação do texto. Essas medidas revolucionaram a arte teatral da época, abrindo novos horizontes de percepção e possibilitando uma nova estruturação de elementos, ou seja, de signos representativos para o teatro local e os grupos de Fortaleza.

A peça *O Morro do Ouro*, que foi representada mais de 350 vezes; juntamente com *A Rosa do Lagamar*, com mais de 500 apresentações (considerada por alguns críticos como seu melhor trabalho) e com *A Donzela Desprezada*, Eduardo Campos formou a Trilogia dos Dramas Urbanos, Edições Balaio, 1995. São três peças que, apesar de serem da década de sessenta do século XX, ainda empolgam o público, pela simplicidade, pela caracterização realística dos personagens, e pela atualização temática, já que representa o difícil problema dos excluídos, e o processo de favelamento.

### **Para conhecer dramaturgia**

O teatro teve origem na Grécia antiga, no século IV a.C, surgiu nas festas consagradas a Dionísio, deus do vinho e da alegria.

Naquelas festas aconteciam competições onde cada um imitava um dos deuses e pessoas conhecidas, e a pessoa que fizesse a melhor imitação ganhava um prêmio. No Brasil, o teatro surgiu no século XVI.

O teatro é uma apresentação de obras e espetáculos dramáticos, cômicos ou farsescos. Entretanto o teatro também é o lugar onde se realiza o drama frente a audiência, complemento real e imaginário que acontece no local da representação. O teatro é uma forma de representar emoções e sentimento.

O teatro é uma forma de contar uma história ou atividades que têm como o objetivo expor uma situação e despertar sentimentos nos públicos.

Quanto ao dramaturgo cearense, Eduardo Campos, conhecido como Manuelito Eduardo, nasceu no dia 11 de janeiro de 1923. Estreou em 1943, com o livro de contos *Águas Mortas*. Seguiram-se, neste gênero, em 1946, *Face Iluminada*; em 1949, *A Viagem Definitiva*; em 1965, *Os Grandes Espantos*; em 1967, *As Danações*; em 1968, *O Abutre e Outras Estórias*; em 1970, *O Tropel das Coisas*; em 1980 *Dia da Caça*; em 1993, *O Escrivão das Malfeitorias*; em 1998, *A Borboleta Acorrentada* e em 1999, *O Pranto Insólito*. Tem também peças de teatro, livros de folclore, romances, ensaios, biografias, memórias, além de grande número de produções especiais para o rádio e televisão. Sua obra teatral foi reunida em dois volumes, contendo *O Demônio e a Rosa*, *O Anjo*, *Os Deserdados*, *A Máscara e a Face*, *Nós*, as *Testemunhas*, no primeiro, *A Donzela Desprezada*, *O Julgamento dos Animais*, *O Andarilho*, além das já mencionadas. Tem pequenas histórias incluídas em dez antologias, entre as quais, duas no Uruguai, e uma na Alemanha.

Embora não tenha alcançado notoriedade no resto do Brasil, no restrito espaço da crítica literária, Eduardo Campos tem seu nome gravado em alguns importantes compêndios de História da Literatura. Assim, está presente em *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, pelo menos no ensaio de Herman Lima: "folclorista de altos méritos, tem, naqueles livros (refere-se aos três primeiros da bibliografia do contista), alguns contos regionais e psicológicos da melhor marca".

Eduardo Campos, no entanto, não se repete nas formas de narrar. Assim, em "A Viúva Enganada", do mesmo livro *As Danações*, o desenlace se esboça não no começo, mas no título.

Na peça que intitula o livro o contista também não muda o ponto de vista. A narração vem recheada de falas curtas e diálogos breves, acrescentado o discurso indireto livre, embora ainda sem muita ousadia.

Passando dos primeiros livros para os mais recentes, como *A Borboleta Acorrentada*, observa-se que a linguagem do contista em nada mudou, consciente de que os modismos passam e o mais valioso na obra literária não está na aparente transgressão de normas.

É fato que o meio tem estado confuso. Perde-se o sentido do que é ou não teatro. Tudo, enfim tem se tornado sem ser, ou tem sido sem se tornar. O que é um artista? O que é um crítico? O que é um diretor? Um escritor? Enfim, o que é Teatro? Grosseiramente respondendo: um artista é aquele se utiliza de arte, que produz, que derrama realidades a um determinado público. Um crítico, não somente aquele que critica, mas aquele que ajuda a construir, se ainda não é assim, assim o devia ser, um diretor, o que orienta, um escritor aquele que estimula a imaginação individual através das letras. E o teatro? A união do pouco de cada um unidos ao público? Sim, e se todos estivessem agindo correto! O que acontece com o teatro? Crê-se numa deformidade na estrutura que o sustenta. Seus alicerces já foram formados, mas eles são renovados a cada tempo, a cada ano, a cada século, desde seu nascimento. O problema é que os alicerces que sustentam e renovam este teatro não estão sendo formados com a mesma estrutura de antes. Ao invés de estar sob base cada vez mais sólida, ele se desmorona a cada dia, a cada ano. O artista, muitas vezes não tem agido como artista no seu código de ética, moral e perspicácia. O crítico não tem sido um aliado e um contribuinte do enriquecimento cultural e artístico do nosso meio, na maioria dos casos, salvando-se uns poucos contrastantes. O diretor tem perdido o sentido do que é dirigir, já não mais se pergunta, apenas faz, e sobre esse código de ética e moral do artista, em sua grande parte, ele não cria arte, apenas produz espetáculos. O escritor-dramaturgo, roteirista de teatro, em seu grau maior, não tem sido um formador, ou um criador de discussões, de críticas, um estimulador dos sonhos, do imaginário e da sabedoria humana. Salvam-se, é claro, alguns poucos idealistas.

## **PAULO DE TARSO PARDAL**

Colaborador\*

\* O autor é ficcionista. Sua mais recente obra se intitula *Autores do Vestibular 2008*